

A CONSTRUCIONALIZAÇÃO GRAMATICAL DE [PARA LÁ DE $X_{\text{ADJ}}]_{\text{GI}}$

Vanessa Barbosa de Paula

Orientadora: Mariangela Rios de Oliveira

Doutoranda

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise sincrônica, baseada no uso, da construção “Para lá de X”, tendo o *slot* X preenchido por um adjetivo, em função de grau intensificador [para lá de $X_{\text{adj}}]_{\text{GI}}$. Nosso objetivo é descrever e analisar os contextos em que a construção em estudo atua na superelevação de conceitos, relacionando-se à necessidade comunicativa dos falantes de conferir maior expressividade aos seus enunciados linguísticos e apresentando um sentido mais procedural. A pesquisa é orientada pelos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e pela abordagem da construcionalização gramatical (TRAUGOTT E DASHER, 2005; BYBEE, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). O *corpus* analisado neste estudo integra a nova base de dados do Corpus do Português, constituída por páginas da *web* recolhidas entre os anos de 2013 e 2014.

PALAVRAS-CHAVE: Construcionalização gramatical, Linguística Funcional Centrada no Uso, Para lá de X.

Introdução

Neste artigo, objetivamos analisar a construção [Para lá de $X_{\text{adj}}]_{\text{GI}}$, formada pela parte fixa “para lá de”, acrescida de um *slot* X preenchido por um adjetivo, atuando com função de grau intensificador, em contextos em que é recrutada para superelevar um conceito, tal como na ocorrência a seguir:

(1) Ela assumiu o posto de apresentadora de o Chelsea Lately em a segunda como convidada substituta e mostrou por que amamos tanto a garotinha de "Operação Cupido". Durante seu monólogo de abertura... Em entrevista recente, Sharon Osbourne foi **para lá de** crítica com estrelas de a cultura pop, alfinetando Justin Bieber, o congressista Anthony Weiner e o talk show The View. Mas ela não parou por aí. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - http://blog.clubnme.com.br/?p=8332).

O estudo ora apresentado constitui-se fase inicial de um projeto de pesquisa mais amplo, de caráter diacrônico, que objetiva analisar a rota de construcionalização da construção em análise, isto é, mapear a mudança ao longo do tempo.

O *corpus* analisado neste artigo é constituído por textos escritos, provenientes de páginas da web, que integram a nova interface do *site* Corpus do Português, disponível em www.corpusdoportugues.org.

Pressupostos teórico-metodológicos

Entendendo que a língua é um instrumento de interação social e que o foco da investigação linguística deve ir para além da estrutura gramatical, abrangendo a busca da motivação para os fatos da língua e considerando o contexto discursivo, orientamos nossas análises à luz dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).

A abordagem funcionalista recentemente denominada LFCU também é identificada como Linguística Cognitivo-Funcional, conforme Tomasello (1998). Essa nova tendência de análise compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas nas análises dos usos da língua e “parte do princípio de que há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente.” (FURTADO DA CUNHA; BISPO e SILVA, 2013, p.14).

No que diz respeito ao objeto de interesse da LFCU, Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 17) afirmam:

Grosso modo, a Linguística Funcional Centrada no Uso inclui em sua agenda de pesquisa a investigação de temas relacionados à emergência e à regularização de padrões construcionais no nível da proposição – considerando fatores fonológicos, morfológicos e sintáticos – e do discurso multiproposicional – concentrando-se em aspectos linguísticos relativos à organização do texto (GIVÓN, 2009). Para

isso, busca identificar motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas implicadas no uso desses padrões.

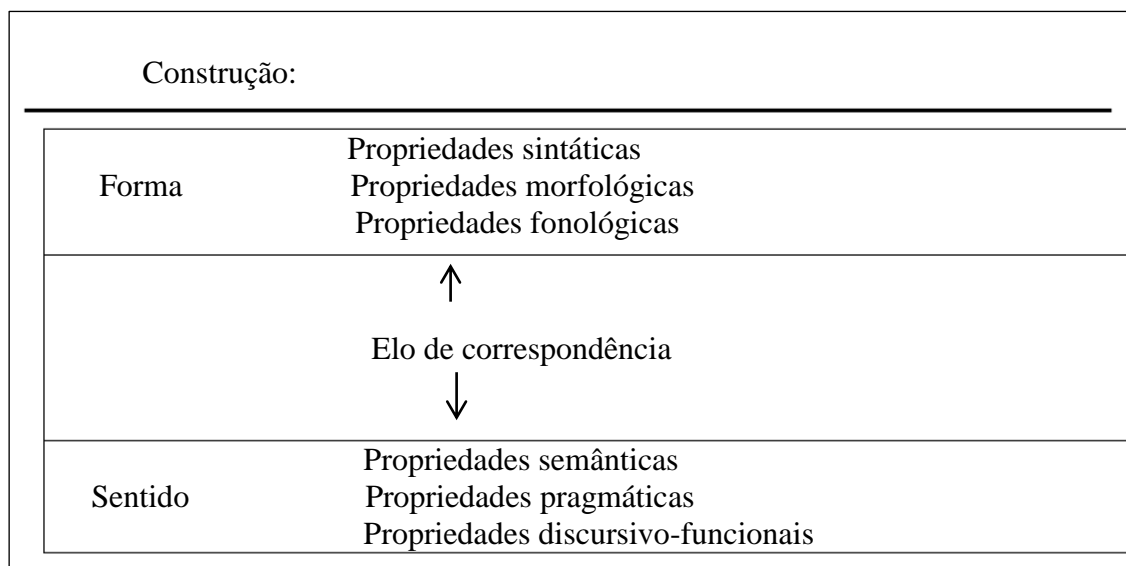
Aos estudos funcionalistas contemporâneos têm sido de grande valia as pesquisas cognitivistas desenvolvidas no âmbito da chamada *Gramática das construções*. (CROFT 2001; CROFT E CRUSE, 2004; GOLDBERG, 1995, 2006; LANGACKER, 2008).

O conceito de construção nesse enquadramento teórico, nos termos de Goldberg (1995, 2006), diz respeito ao pareamento/correspondência convencional de sentido e forma entre elementos da língua.

Nessa perspectiva, a língua é concebida como uma rede de construções hierarquizadas e interconectadas na qual se integram propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas.

Croft (2001, p.18) propõe o seguinte quadro esquemático da correspondência existente entre traços semânticos e sintáticos na construção:

Quadro 1 – Correspondência entre traços semânticos e sintáticos na construção



Fonte: Croft (2011, p.18)

A proposta de Croft (2001), apresentada no quadro 1, equilibra os eixos da forma e do sentido, superando a tendência das análises funcionalistas clássicas que, na maioria das vezes, se concentrava em um ou noutro eixo.

A esse respeito, Rosário e Oliveira (2016, p.240) afirmam que:

o mérito da proposta de Croft (2001) está também em permitir maior rigor à pesquisa nessa área, dado que se espera a detecção das seis propriedades referidas para a descrição interpretativa das construções, que se integram em rede de unidades convencionalizadas, denominada genericamente de *constructicon*.

Na esteira das pesquisas desenvolvidas na LFCU relacionadas à mudança linguística, esta pesquisa volta-se para o processo de construcionalização gramatical.

Bergs e Diewald (2008, *apud* ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016, p.243) definem construcionalização como “a formação de novas unidades (construções) a partir de materiais independentes até então”. Trata-se, portanto, da criação de um novo pareamento forma-significado. É o que ocorre com a construção “para lá de X” a qual, em contextos específicos, forma um novo arranjo, atuando como um elemento de intensificação. Vejamos as ocorrências (2) e (3):

(2) O propósito desta pesquisa é relacionar processos espaciais e sociais em curso na cidade em diferentes momentos, examinando- os a partir da presença e atuação de estrangeiros que constituem com suas práticas profissionais e redes de sociabilidade a própria cidade. (AU) CDi / FAPESP -- Centro de Documentação e Informação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Será que só as grandes empresas nacionais e multinacionais têm políticas e programas de RH **para lá de** diferenciados? Se você respondeu que sim, acertou. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial- http://www.canalrh.com.br/revista_artigo.asp).

(3) Se você tem vontade de conhecer o Canadá e não gosta de frio, não cogite a ideia de ir **para lá de** janeiro até março, pois o frio é inevitável. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - <http://www.falandodeviagem.com.br/viewtopic.php?f=42&t=4922>).

Em (2), o “para lá de” de “para lá de diferenciados” forma um todo indecomponível. O conceito do adjetivo “diferenciados” é superelevado instanciado nessa construção. Os elementos formadores da forma fixa da construção não apresentam suas funções categoriais típicas, isto é, “para” e “de” não exibem traços característicos das preposições e “lá” não funciona como um locativo. Em outras palavras, em (2), “para lá de X” não é composicional.

Em (3), o *slot X* da construção “Para lá de X” não mais é preenchido por um adjetivo e o elo de correspondência entre as formas “para”, “lá” e “de” e os significados delas é transparente. O valor do todo é dado pelo significado das partes. Assim, a preposição “para” indica a direção do movimento, expresso pelo verbo “ir”, o “lá” faz referência anafórica a um espaço físico, o Canadá, e a preposição “de” indica o momento em que se inicia um determinado período, no contexto em questão, a época de frio. Observa-se, portanto, a propriedade da composicionalidade (LANGACKER, 2005) na construção “para lá de X”, apresentada na ocorrência (3).

Desta forma, é possível afirmar que, para o estabelecimento de um sentido intensificador, partes até então independentes vincularam-se, dando origem a um novo pareamento forma-significado na língua em contextos específicos.

O processo de construcionalização pode ser gramatical ou lexical. Na construcionalização gramatical, as mudanças ocorridas no pareamento forma e sentido são de caráter mais procedural. Na construcionalização lexical, ocorrem mudanças de outra natureza no par forma-sentido: o eixo do significado passa a se associar a uma semântica mais concreta e o polo da forma enquadra-se em categorias como nome, verbo e adjetivo.

Consideramos que a construção objeto de nosso estudo trata-se de um caso de construcionalização gramatical uma vez que o uso de [para lá de X_{adj}]_{gi}, atuando na superelevação de um dado conceito, assume um caráter mais procedural e abstrato.

Acerca da intensificação, Silva (2014, p.41) assevera que esse recurso linguístico

Tem a ver com o incremento semântico aplicado a um determinado conteúdo para além de sua concepção normal ou já graduada. Assim, temos manifestação de intensidade, caracterizada pelo reforço escalar de direção para mais ou para menos, atribuída a uma noção, em geral, de natureza mais abstrata e subjetiva.

É o que se observa na ocorrência a seguir, na qual, o grau de equipamento de uma van é intensificado para além do nível normal com o uso de [para lá de X_{adj}]_{gi}.

(4) Eles contam que, em frequentes acessos de raiva, o prefeito lança cinzeiros e grampeadores em colaboradores ou, em um tom mais light, convida vereadores para

tomar guaraná, ouvir sambinha e superar divergências dentro de uma van **para lá de** equipada. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial <http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-edgard/francisco-mostra-mais-que-engarrafamentos-no-rio-9533.html>).

Ainda no que se refere à intensificação, Silva (2014) argumenta que os processos relacionados à conceitualização de grau (incluindo o intensivo) estão relacionados a transferências conceituais entre domínios. Parte-se de domínios concretos, baseados nas experiências dos falantes com o mundo físico, para domínios mais abstratos e subjetivos (LAKOFF e JOHNSON, 1999).

Nesse sentido, o referido autor demonstra que um dos conceitos de ancoragem mais concreta aplicado metaforicamente à ideia intensiva é o conceito de localização. A relação estabelecida diz respeito não só à percepção que temos quanto à posição dos seres e coisas no mundo, mas também ao fato de esses seres e coisas estarem situados num ponto considerado máximo ou além de um dado limite concebido como “normal”.

A ideia da conceitualização da intensificação a partir de transferências metafóricas é defendida pelo autor porque

(...) em diversos contextos, esta é expressa por palavras ou expressões do tipo *alto, elevado, profundo* (relativos à verticalidade), *avançado, extremo, para lá de* (vinculados à horizontalidade) e tantas outras. Em vista desses fatos, podemos afirmar que o esquema sintetizador dessa relação pode ser expresso nos termos INTENSIDADE É LOCALIZAÇÃO (de orientação vertical ou horizontal). (SILVA, 2014, p. 69)

Como podemos perceber, Silva (2014) identifica o “para lá de” como uma construção recrutada para o estabelecimento de uma noção intensificadora, apontando a influência de pressões de ordem cognitiva nesse uso construcional.

Análises preliminares do objeto de estudo

Em levantamento preliminar de dados realizado na nova adição ao *site* Corpus do Português (2016), que contém uma base de dados constituída de páginas da *web* de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola, Moçambique), recolhidas

entre os anos de 2013 e 2014, selecionamos 30 ocorrências com a construção “para lá de X”.

Nessa etapa inicial de recolhimento de dados sincrônicos, coletamos as 30 primeiras ocorrências exibidas após a busca pela construção no *site*. Consideramos apenas as páginas que apresentavam o domínio de topo de código de país¹ delegado ao Brasil (br).

Dentre as 30 ocorrências mapeadas, detectamos 14 em que a construção “para lá de X” foi usada com função de grau intensificador em instanciações como:

(5) Ansiosamente aguardadas, as festas de final de ano reservam ótimos momentos com os familiares, amigos e todas as pessoas queridas. Mas as confraternizações não serão as mesmas se aparecer uma companhia **para lá de** indesejável: o mau hálito. Quer aproveitar o final de 2011 e o início de 2012 com aquele hálito saudável? (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - http://www.fgm.ind.br/site/ver_noticia.php?lng=pt&id=1364).

(6) Lenine apresenta um show **para lá de** especial em os dias 8 e 9 de novembro, em Salvador. O pernambucano subirá a o palco de a Sala Principal de o Teatro Castro Alves para comemorar seus 30 anos de carreira em um show que terá todas as músicas arranjadas por o maestro Letieres Leite, de a Orkestra Rumpilezz. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dial - <http://www.bahianoticias.com.br/cultura/>).

Nesses contextos, conforme mencionamos anteriormente, o “para lá de” forma uma unidade estruturalmente unida, indissolúvel, não composicional, atuando em prol da intensificação. O conceito do adjetivo instanciado na construção é colocado em um nível mais alto do que o considerado “normal”.

Percebemos que para o usuário da língua não basta referir-se ao mau hálito como uma companhia “muito indesejável” (5) ou ao show do Lenine como um evento

[¹] O domínio de topo de código de país ou *country code top-level domain* (ccTLD), em inglês, é o domínio de topo na Internet geralmente usado ou reservado para um país ou um território dependente. **.br** (Brasil) é o domínio de topo para país (ccTLD) delegado ao Brasil na Internet.

(Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/.br>)

“muito especial” (6). Nesses contextos, o uso de “para lá de” aponta para uma necessidade comunicativa dos falantes de conferir maior expressividade aos seus enunciados linguísticos. Martelotta (2011, p. 112) trata essa necessidade comunicativa como uma das motivações para a mudança linguística. A esse respeito ele afirma que:

É fato aceito na literatura funcionalista que há contextos comunicativos em que é interessante utilizar a forma frequente e, portanto, mais comum, que está disponível no sistema da nossa língua. Esse seria o modo mais prático e rápido de se estabelecer a comunicação. Por outro lado, há contextos em que esta forma, exatamente por ser mais frequente e comum, mostra-se inexpressiva. Nesses casos, a tendência é o falante buscar formas de comunicação novas e extravagantes que, chamando a atenção do ouvinte, dão mais poder expressivo ao discurso.

Relacionando essa necessidade dos falantes, descrita por Martelotta (2011), ao subprincípio icônico da quantidade, segundo o qual, empregamos maior quantidade de forma para expressar conteúdos informacionais também maiores, podemos avaliar o uso de [para lá de X_{adj}]_{gi} como um arranjo linguístico recrutado para intensificação mais expressiva de conceitos.

Em todas as ocorrências em que o “para lá de X” desempenhou a função de grau intensificador, o *slot* X da construção foi preenchido por um adjetivo. Sendo assim, esse uso da construção em estudo ocorre em contextos predicativos. Além disso, a análise dos dados mostrou que a construção, no *corpus* analisado, foi mais frequente em sequências narrativas e expositivas, respectivamente demonstradas nos exemplos a seguir.

(7) A partida se encaminhava para o 0 a 0, mas Péricles apareceu. Não havia nenhum jogador com esse nome, leitor. Péricles era o juiz de o confronto. Primeiro, poderia ter expulsado Sheik, que deu um carrinho **para lá de** perigoso em Gil. Deu amarelo. Tudo bem, ainda foi bonzinho demais. Mas, em o fim, em lance normal de ombro a ombro de Danilo e Lucas Claro, Péricles viu o pênalti. (Disponível em: www.corpusdoportugues.org/web-dia-www.diariosp.com.br/21759)

(8) A USP (Universidade de São Paulo) está reforçando seu conteúdo audiovisual com acesso aberto para o público em geral -- e não apenas para sua comunidade de alunos e

docentes. Em este ano, a instituição já vem com novidades. Timidamente divulgado, mas disponível desde março, o e-Aulas reúne cerca de 880 vídeos com professores de a instituição que explicam temas **para lá de** complexos que podem ser assistidos gratuitamente por a internet e em língua portuguesa. O site é dividido por áreas de estudo ' Exatas, Humanas e Biológicas', mas há vários departamentos de a universidade sem nenhuma videoaula para oferecer. O e-Aulas é um agregador. “O sistema está sendo implantado agora e será construído aos poucos”, explica a professora Regina Melo Silveira, pesquisadora de o Laboratório de Arquitetura e Redes de Computadores da Escola Politécnica que participa de o projeto. (www.corpusdoportugues.org/web-dia http://www.dce.mre.gov.br/Noticias/08_2012.html)

Fundamentando-nos em Marcuschi (2007, p.22),

Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição e injunção*.

Uma análise geral a partir da predominância da sequência tipológica indicou que o uso de [para lá de X_{adj}]_{gi} envolve semanticamente a expressão de opiniões, de avaliações subjetivas em diferentes situações comunicativas.

Esse uso mais abstrato e subjetivo da construção mostrou-se, consideravelmente produtivo na análise preliminar de dados, representando 46.6% das ocorrências mapeadas. A produtividade, tal como apontam estudos desde a versão clássica do Funcionalismo sobre gramaticalização e lexicalização, é de grande importância, pois a frequência pode ser responsável pela rotinização e cristalização de novos usos na língua.

Considerações finais

As análises preliminares de dados mostraram que [para lá de X_{adj}]_{gi} tem formado um novo arranjo linguístico, exibindo perda de composicionalidade, menor grau de referencialidade e aumento de abstraticidade e subjetividade. Assim, elementos

linguísticos antes independentes passaram a se vincular, formando uma unidade com sentido menos referencial, dando origem a um novo pareamento forma-função na língua para expressão de grau intensificador.

O uso desse novo arranjo linguístico parece estar relacionado a necessidades comunicativas dos falantes de atribuir maior expressividade aos seus enunciados, bem como a pressões de ordem cognitiva que levam à conceitualização de grau a partir de transferências metafóricas, especialmente, a ancoragem concreta da localização aplicada ao conceito intensificador.

No que diz respeito às sequências tipológicas em que [para lá de $X_{adj}]_{gi}$ aparece, verificamos que as narrativas e as expositivas são as de maior recorrência. Nesses contextos, a construção analisada atua em prol da manifestação de opiniões e avaliações.

Sendo assim, essa construção, que tem sido recorrentemente recrutada para indicar a superelevação de conceitos em determinados contextos de uso, insere-se na classe dos elementos de grau intensificador, como um novo nó (membro) da rede, ampliando-a.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M.; CUNHA, M. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The university of Chicago Press, 1995.

-
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- LANGACKER, R. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- MARCUSCHI, L. A.. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org). *Gêneros textuais e ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ROSÁRIO, I.; OLIVEIRA, M. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. São Paulo: Alfa, 2016, v. 60, p.233-259, 2016.
- SILVA, J. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2014.
- TOMASELLO, M. *The new psychology of language*. New Jersey: Laurence Erlbaum, 1998.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.